

A POÉTICA DAS CIDADES: POR UMA PEDAGOGIA DA IMAGINAÇÃO CRIADORA NAS EXPERIÊNCIAS URBANAS

The poetic of cities: for a pedagogy of creator imagination in the urban experiences

Danieli Barbosa de Araujo¹
 Jeani Delgado Paschoal Moura²

RESUMO

Uma cidade esboça em si sonhos, desejos, aprendizados e significações, apesar de ser vista, muitas vezes, como inanimada, reduzida a formas geométricas e funcionalistas. O texto busca ressignificar a cidade como um repertório poético e pedagógico, situando o homem no mundo a partir de sua dimensão imaginária. As narrativas de experiências em algumas cidades latino-americanas e europeias, e o uso de fotopoéticas, atrelados a reflexões à luz da Fenomenologia da Imaginação de Gaston Bachelard, proporcionaram a fusão entre o empírico e o abstrato, razão e imaginação, na qual as cidades foram sendo desnudadas em suas dimensões poéticas. Conclui-se que a experiência corporal e suas diferentes corpografias urbanas produzem ressignificações, inscritas no corpo e na alma de quem as experimentou.

Palavras-chave: Fenomenologia da Imaginação. Corpografias. Ressignificação.

ABSTRACT

A city outlines in itself dreams, desires, learnings and meanings, despite being often seen as inanimate, reduced to geometric shapes and functionalist. The text seeks to reframe the city as a poetic and a pedagogical repertoire, placing the man in the world from its imaginary dimension. The narratives of experiences in some Latin American and European cities, and the use of photopoetics, linked to reflections in the light of Phenomenology of Imagination by Gaston Bachelard, provide the fusion between the empirical and the abstract, reason and imagination, in which the cities have been stripped in its poetic dimensions. It is concluded that the body experience and its different urban corpographies produce reframings, registered in the body and the soul of those who have experienced it.

Keywords: Phenomenology of Imagination. Corpographies. Reframing.

¹ Doutoranda do Programa de Pós-Graduação em Geografia, Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina (UEL). danieli_g5@hotmail.com.

✉ Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380, Campus Universitário, Londrina, PR. 86057-970.

² Professora Associada do Curso de Geografia e Programa de Pós-graduação em Geografia, Departamento de Geociências, Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina (UEL). jeanimoura@uol.com.br.

✉ Rodovia Celso Garcia Cid, PR-445, Km 380, Campus Universitário, Londrina, PR. 86057-970.

INTRODUÇÃO

Da experiência de corpo e alma com a cidade, orientada pela força imaginante, nasce a poética da cidade que permite ultrapassar visões funcionalistas e mercadológicas, produzindo corpografias, isto é, cartografias narradas pelo corpo-cidade (JACQUES, 2008). Iniciamos as nossas buscas pelas perguntas: Que é isso, a cidade? A cidade pode ser experienciada e apreendida para além de sua materialidade? Há uma poética da cidade? O nosso objetivo foi refletir sobre as sutilezas das cidades, dando asas à subjetividade e a imaginação criadora, como meio de imergir na natureza formadora da experiência urbana, capaz de revelar/enlevar a cidade em sua essência poética.

Há, no contemporâneo, cidades sustentáveis, seguras, inteligentes, educadoras, convidativas e amistosas. Algumas se sobressaem às regras do urbanismo moderno, fugindo dos modelos impostos por forças econômicas dominantes. Essas evocam, lentamente, espaços sensíveis, de interação e intimismo com a cidade e reafirmam que não se auto sustentam em infraestrutura e modernidade, nem mesmo em uma arquitetura imponente. Cidades são mais que monumentos, vão além, guardando em si a dimensão poética do habitar.

Gaston Bachelard (1993), filósofo e poeta francês, em sua obra "A poética do Espaço", mostra que pelo espaço é possível chegar a uma fenomenologia da imaginação, isto é, conhecer a essência da imagem (imaginada), sua subjetividade e poder de ultrapassar a realidade. Por meio de um corpo-a-corpo com a materialidade do mundo, Bachelard convida a romper com experiências superficiais e adentrar à matéria para uma experiência profunda de envolvimento e descoberta. Na medida em que adentramos, de modo íntimo, à materialidade do mundo, damos asas à imaginação, que, por sua vez, impulsiona para um além, pois "o espaço percebido pela imaginação não pode ser o

espaço indiferente entregue à mensuração e à reflexão do geômetra. É um espaço vivido. E vivido não em sua positividade, mas com todas as parcialidades da imaginação" (BACHELARD, 1993, p. 19). A proliferação de novas imagens da cidade emerge com uma experiência que se deixa envolver pela imaginação criadora, que não se limita à esfera da visão, da ocularidade. Bachelard (1993) apresenta um tratado poético da casa, porão, sótão, gaveta e tantos outros lugares de intimidade. O filósofo não se limita a uma imaginação formal, que descreveria tais espaços em sua objetividade e geometrização, busca na intimidade da matéria uma imaginação devaneante capaz de propiciar a abertura para novas imagens – as imagens poéticas – que são base da imaginação criadora.

As corpografias urbanas ao proporcionarem um contato do corpo com os espaços, são um convite para adentrar a materialidade do mundo e trazer à luz diferentes leituras da cidade, revelando as suas poéticas. A Fenomenologia da Imaginação, de Bachelard, descortina as nuances do cotidiano e do habitar contemporâneo, por meio de uma leitura poética e imaginária exprime o premente desejo de reestabelecer relações sensíveis com a cidade. Barbosa e Bulcão (2004) pela poética de Bachelard, mostram a pedagogia da imaginação como um modo dos indivíduos se libertarem do tempo vertiginoso da vida cotidiana, da imaginação formal, encontrando seu instante poético, que permite ir além do visível, penetrando no íntimo dos entes. Pela experiência urbana se revelam o íntimo e o sensível do ser humano, sua força imaginante e poética, suas corpografias, como forma de ressignificar a essência geográfica de ser-e-estar no mundo, ou as suas geograficidades (DARDEL, 2012).

Bachelard, convida a exercícios de retificação de ideias, de (re) discussão de posições, de busca de experiências novas que possam dizer não às antigas (RAMOS, 1999). Em suas obras de vertente poética, resgata a importância de situar o homem no mundo a partir

de sua dimensão imaginária, demonstrando possibilidades para a formação humana e um transmutar internamente, permitindo o amadurecimento do ser pelo meditar sobre a atual condição de ser e estar no mundo.

Em busca de apreender a cidade para além das arestas da geometrização e funcionalidade, sustentamos a experiência urbana à luz de uma Fenomenologia da Imaginação Criadora, como modo de alcançar uma vivência, reverberando em modos íntimos, sensíveis e inteligentes de ser e estar na cidade/mundo. Em uma atitude metodológica, apresentamos experiências em cidades latino-americanas – Londrina, São Paulo, Medellín, Cartagena e Bogotá – e cidades europeias – Lisboa, Coimbra e Paris –, por meio de narrativas e fotopoéticas³, em que buscamos realizar uma “transmutação de imagens poéticas (imaginárias) em um objeto-imagem (concreto)”. Nos valem da criação e da apropriação de imagens fotográficas das referidas cidades, para demonstrar os potenciais poéticos da imaginação criadora na perspectiva bachelardiana.

O ato de fotografar potencializa o olhar investigativo e crítico e estimula a percepção da paisagem cotidiana: – o que se pode ver? o que se pode sentir? É pela experiência de sentir a paisagem que a mesma vai se desvelando em sua essência, e a fotografia é uma linguagem [poética] que aproxima os atores de suas paisagens experienciadas (MOURA; PASCHOAL, 2018, p. 3).

O ato de fotografar estimula o olhar com mais vagar, auxiliando no movimento de afastar-se de impressões primeiras, estas que nos aprisiona na tangibilidade das coisas. Como pontua Bachelard, a formação do novo espírito científico exige um diálogo entre empírico e abstrato, entre razão e imaginação. Nesse sentido, essas cidades

³ Utilizamos o termo fotopoética para fazer referência às imagens fotográficas tratadas esteticamente e não da técnica em si, conforme Murad (2000).

foram sendo desnudadas em sua dimensão poética, “passamos das imagens de um olho racionalizador [da cidade] para as imagens de um olho que sonha, entramos no olhar da Imaginação [imagens-pensamento]” (MURAD, 2000, p. 2). Pelas narrativas e fotopoéticas pretendemos impulsionar a criação de imagens imaginadas da cidade, na perspectiva bachelardiana, “entre a imaginação e a realidade, dentro de uma contínua e mútua transformação poética” (MURAD, 1997, p. 100).

Os fundamentos que envolvem a poética de Bachelard foram imprescindíveis para compreender as experiências à luz de sua fenomenologia. Transitando pela vertente epistemológica e poética, a obra de Bachelard promove uma aproximação entre racionalidade e imaginação, em que o processo de conhecimento e de formação do ser, se dá quando este experiencia o contexto que o cerca em uma dialogia entre razão e experiência. Assim, apresentamos nesse artigo, o conhecimento adquirido a partir das relações estabelecidas com as cidades em foco, a partir das experiências de quem as vivenciou. As cidades, neste sentido, propiciaram de modo ímpar aberturas para um espírito inquiridor em busca do conhecimento.

O trabalho é tecido em duas fases. Na primeira, “A cidade à luz da fenomenologia da imaginação criadora”, apresentamos o método proposto por Bachelard e sua importância como forma de ressignificar a vida na cidade. Outras pontuações acerca das cidades contemporâneas são destacadas, a fim de evidenciar como a vida na cidade se ofusca mediante uma rotina monótona. Na segunda, “Experiência urbana, corpografias e suas poéticas”, apresentamos experiências urbanas a partir de relações dos nossos corpos com os espaços, cujas corpografias produzidas narram as ressignificações inscritas no corpo e na alma de quem as experimentou.

A CIDADE À LUZ DA FENOMENOLOGIA DA IMAGINAÇÃO CRIADORA

Além do concreto real de uma cidade, existem outras imagens – imagens sonhadas (OSTERMANN, 1996). Estas não podem ser compreendidas por leituras superficiais e referências objetivas. É preciso imaginação e consciência reflexiva. A cidade à luz da Fenomenologia, revela sua poética e suas pedagogias, capaz de transcender as leituras superficiais e objetivas das cidades, em uma experiência íntima de entrelaçar-se ao seu potencial formador.

O propósito de construção das cidades foi instintivo nos seres humanos: aglomerar-se, fixar-se, comunicar-se, fazer escambos. A palavra grega para cidade, *polis*, originalmente significava “multidão”, ajuntamento de pessoas. Pensar que o propósito das cidades é econômico ou político é uma ideia, sem dúvida, muito recente (HILLMAN, 1993). No entanto, gradativamente, como aponta Gehl (2015), arquiteto e urbanista dinamarquês, a ideia original de cidade, parece estar mais distante. A forma como as cidades foram planejadas mudou significativamente ao longo do tempo. Em sua obra “Cidade para Pessoas”, Gehl demonstra que, até a década de 1960, as cidades no mundo se desenvolviam com base em séculos de experiência e acreditavam-se que as cidades, naturalmente, eram construídas para pessoas. Mas, com o avanço acelerado da expansão urbana, o desenvolvimento da cidade passou a pautar-se em teorias e ideologias. A tradição, antes considerada fundamental para o desenvolvimento, foi sendo substituída por técnicas e métodos (GEHL, 2015).

O uso crescente de automóveis, a ausência do caminhar, condomínios e casas fechadas, a presença constante do medo e da pressa, passou a dificultar a observação e admiração da cidade. “[...] O fato de não encontrar rostos por não andar entre a multidão abstém-nos de nosso próprio rosto; também nos abstém da própria

cidade como foi originalmente imaginada: uma congregação de faces humanas originadas de todos os ‘caminhos’ da vida” (HILLMAN, 1993, p. 52). O cenário dos sonhos, das expressões e do imaginário urbano tem se ofuscado diante do ritmo acelerado da vida moderna. Os fatos do mundo-vivido são vagarosamente transmutados em abstrações, fazendo com que os indivíduos se tornem casos e exemplos de categoria e os lugares apenas localizações (RELPH, 1979).

Há, neste sentido, um ocultamento da geograficidade, como essência da relação homem e Terra. Como expresso por Dardel (2012, p. 96), “um dos dramas do mundo contemporâneo é que a Terra foi ‘desnaturada’, e o homem só pode vê-la através de suas medidas e de seus cálculos, em lugar de deixar-se decifrar por sua escrita sóbria e vívida”. A tradição ocidental, junto ao processo de modernização, permeia esta objetificação da cidade, assim como impacta em nossas experiências e corpografias. Ao promover em seus discursos e atitudes uma dicotomia entre os seres humanos e o resto do mundo natural, a tradição ocidental promoveu um ideário de submissão da natureza aos fins humanos, dando início a uma crise, como aponta Bernal (2015), que se expressa como uma crise ambiental, da civilização, da vida e do ser, assim como, uma crise da perda da terra natal e da renúncia a um habitar poético.

Experiências cotidianas, como caminhar, imaginar, sonhar ou mesmo despertar nossa atenção para o mundo, deixar-se encantar, parecem incoerentes e fúteis em uma sociedade que aprendeu a supervalorizar a razão e o tecnicismo. Temos caminhado para um privar de sentir-se ligado à Terra, de sentir-se mundo, cidade e lugar. Todavia, quando a experiência de ser cidade é privada, ou seja, quando se ofusca a geograficidade e o espaço vivido, o sujeito não consegue experienciar além do sentido funcional ofertado pelos espaços. “A geograficidade, enquanto abertura para o experienciar

originariamente o mundo, permite ao Homem voltar-se ao mundo-da-vida (*lebenswelt*) e encontrar o mundo em seu acontecer originário, o mundo fenomenológico” (GALVÃO FILHO, 2015, p. 5368).

A experiência de sentir a cidade, ou melhor, sentir-se cidade, deve ser empreendida como forma de romper com o olhar pragmático voltado aos paradigmas de uma cidade funcional e ir ao encontro de uma cidade formadora. À luz da Fenomenologia e da imaginação criadora, vamos ao encontro de uma cidade poética, abrindo-se sendas para a novidade. Segundo Bachelard os princípios da Fenomenologia trazem à luz a tomada de consciência de um sujeito maravilhado por imagens poéticas. Essa tomada de consciência, que a Fenomenologia moderna quer acrescentar aos fenômenos da psiquê, parece atribuir um valor subjetivo durável a imagens que, muitas vezes, apresentam uma objetividade duvidosa, uma objetividade fugidia (BACHELARD, 2006).

A Fenomenologia de Bachelard, apresentada primariamente em sua obra “A poética do Espaço” (1993), traz em si um esforço de tornar significativo situações, lugares e objetos ou mesmo ressignificá-los à luz da imaginação, proporcionando uma relação íntima com o mundo, ou seja, um despertar sobre a realidade. Sua fenomenologia abre-se para além do realizado, do dito, em busca da novidade. Sua poética, concentra-se na imaginação, na imagem e no devaneio, mas, em significados distintos da tradição filosófico-literária (RAMOS, 1999). A imaginação liberta o devaneador de tudo que é convencional, superficial, possibilitando mergulhar no íntimo das coisas. “[...] a imaginação material, aliada à vontade, é puro poder de criação, é um ir além da superfície para encontrar, no ser, o primitivo e o eterno, para alcançar, na substância, a intimidade” (RAMOS, 1999, p. 33).

Em sua obra “O ar e os sonhos”, originalmente publicada em 1943, Gaston Bachelard aponta dois tipos de imaginação: a formal

e a material. A formal, conduz à geometrização, fundamentando-se na visão e na contemplação do mundo, converte a matéria em simples objeto de visão. A material, ao contrário, instaura-se como uma psicologia do contra, um convite ao domínio sobre a intimidade da matéria, funcionando como um acelerador do psiquismo, em um fluxo ininterrupto de imagens sempre novas (BARBOSA; BULCÃO, 2004). É pela imaginação material que se tecem os devaneios de vida, um devaneio poético, que permite um amadurecimento e crescimento da consciência (RAMOS, 1999). A consciência diante de um mundo impulsionado pela poética, abre-se com toda ingenuidade e criatividade. Ela revigora sutilezas, como uma válvula que se abre para liberar instintos recalcados. Reforçando a tomada de consciência, em sua obra “A poética do Devaneio”, Bachelard afirma que “todos os sentidos despertam e se harmonizam no devaneio poético” (BACHELARD, 2006, p. 6), este ajuda a habitar o mundo, a habitar a felicidade do mundo, em um verdadeiro repouso, ganha-se a doçura de viver.

Numa tentativa de transcender a mecanicidade das cidades, para além de suas macroestruturas econômicas e governanças políticas, a Fenomenologia de Bachelard rompe com a inumanidade do mundo, com a sua negatividade. A Fenomenologia da Imaginação “[...] seria um estudo do fenômeno da imagem poética quando a imagem emerge na consciência como um produto direto do coração, da alma, do ser do homem tomado em sua atualidade” (BACHELARD, 1993, p. 2). Para Bachelard (1993) somente a Fenomenologia poderia ajudar a reconstruir a subjetividade das imagens e a medir sua amplitude e sua força. Isso permite não encarar a imagem como um objeto, mas buscar a sua essência, através da imagem poética.

No contexto das cidades, a imagem poética, age com o mesmo vigor, permitindo o encontro com as essências em ser e estar na cidade.

Tal essência pode ser identificada em ações que visam proporcionar vivências íntimas na cidade. Desconstruir a continuidade simples do tempo cotidiano rumo a uma verticalidade – um instante poético. Experimentar o novo, ser acrescido de novas experiências. Caminhar em um sentido contrário da horizontalidade marcada pelo hábito da repetição e da monotonia. Para Bachelard, esses são os caminhos de instrução e formação do ser, que na medida em que se afasta da rotina monótona e repetitiva, que nos impede de crescer, como apontam Barbosa e Bulcão (2004), promovem, através da imaginação criadora, um voo de verticalidade, um modo de resistir a passividade e uma possibilidade de se abrir para o novo.

Há inúmeros projetos e ações que revelam as imagens poéticas da cidade (ARAUJO, 2017), promovendo impactos positivos na vida urbana. A imagem poética proporciona a tomada de consciência, o indivíduo sente-se convidado a reconstituir subjetividades e laços afetivos com a cidade e a dotar suas imagens de significações, na perspectiva da experiência de se ver no mundo como pessoa, como ser social e terrestre (MOURA; MARANDOLA JR., 2016). A cidade é um espaço do (com)viver, do viver com o outro. De viver em comunhão com as forças visíveis e invisíveis que compõem a cidade. É um espaço de trocas, de diálogos e de aprendizagens permanentes, fato que demonstra seu potencial formador (ARAUJO, 2017).

EXPERIÊNCIA URBANA, CORPOGRAFIAS E SUAS POÉTICAS

As experiências urbanas são distintas, cada qual a vive e a ressignifica de modo diferente. No entanto, todas criam em si um imaginário, histórias e aprendizados. Há inúmeros estímulos que tornam as experiências urbanas poéticas e formadoras. Ao caminhar pela cidade, esta vai se revelando a nós. Aliás, há muito mais em caminhar do que

simplesmente andar. Em essência, caminhar é uma forma espacial de comunhão entre as pessoas que compartilham um mesmo espaço (GEHL, 2015).

Os nossos deslocamentos geográficos, em terras próximas ou distantes, em tempos curtos ou longos, de passagens ou de paradas, vão descortinando novas possibilidades que ensejam o desejo de sonhar (GRATÃO, 2018) com outras formas de existência na Terra. Ao caminhar pela jovem Londrina, a “Cidade dos Festivais”, ao norte do Paraná, em meio ao comércio pujante e a vida acontecendo em seu ritmo enérgico, movida pela pressa e velocidade, pautada pelo ir e vir de um espaço a outro, encontramos uma pausa: “A rua dança a cidade – a rua não tem só malandragem, tem cultura e tem arte”. Esta frase estampada nas camisetas de um grupo de pessoas que dançavam no calçadão do centro velho da cidade, nos chamou a atenção. Ao longe, enquanto caminhávamos, ouvimos algumas músicas e, ao nos aproximar, percebemos que embalavam e animavam um grupo de pessoas em uma coreografia que prendeu não só a nossa atenção, mas de muitos transeuntes que estavam de passagem. Em meio a horizontalidade da vida, do dia a dia corrido, aqueles rostos estampavam sorrisos e animação, o emergir de novas experiências. Em outro momento, a cidade vive o movimento dos artistas de rua, uma das atrações do Festival Internacional de Londrina (FILO) com foco em ações artísticas colaborativas, uma troca de experiências imagéticas que ressaltam problemas da ocupação dos espaços urbanos. Em uma perspectiva bachelardiana, chamaríamos de dois instantes poéticos. Um convite à imaginação criadora e ao enlevo de sonhar (GRATÃO, 2018).

As corpografias animadas por meio do teatro, dos encontros literários, dos festivais de música, cinema, circo e dança, são estimuladas em diferentes cantos de Londrina. Alguns festivais completaram

A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas

Danieli Barbosa de Araujo e Jeani Delgado Paschoal Moura



Figura 1 – [Fotopoéticas brasileiras]: A rua dança a cidade (à esquerda); Cortejo (à direita); Londrina, PR
Fonte: D. B. Araujo, 2019; Turini (2013, n.p).

50 anos de trajetória, como o FILO. Outros, como o Festival Internacional de Música de Londrina (FIML), contam com 40 anos de edição. Segundo Trigueiros (2019), os festivais da cidade refletem momentos de alegria e comunhão, tempo de movimentar a cidade, oportunizando um intercâmbio de conhecimentos, alimentados e sustentados por atividades de formação. O caráter formativo dos festivais estimula ações para além dos eventos, resultando na criação de grupos e projetos sociais. Muitos destes eventos, embora ocorram no centro da cidade, levam performances para inúmeras ruas de Londrina, revelando a arte que há no cotidiano. A presença de pessoas em torno de uma atividade artística reflete experiências agradáveis em ambientes acolhedores de formação (GEHL, 2015).

Partindo para outras andanças nos colocamos a pensar em algumas experiências de viagens, que fazem emergir em nossa memória urbana, inscrita em nossos corpos, diferentes facetas do habitar contemporâneo e, por vezes, oportunizam experiências, que destacam o papel formador das cidades, assim como promovem modos íntimos, sensíveis e inteligentes de ser e estar na cidade/mundo.

Em uma das primeiras passagens por São Paulo, a “Terra da Garoa”, um dos centros mais influentes da América Latina, nos perguntamos sobre a possibilidade de apreensão dessa cidade tão múltipla e diversa, tão cheia de excitação e de vida. Uma cidade que não adormece, capaz de provocar sentimentos ambíguos, seduz ao mesmo tempo em que causa repulsa. Pela percepção de quem trafega essa cidade pela primeira vez, logo reconhecer-se-ia a dificuldade de imaginá-la como um lugar para pessoas. Cercada por grandes construções, no auge da sua verticalidade, a cidade de São Paulo parece se distanciar da escala humana, aquela que acolhe o corpo, oportunizando o desenvolver dos sentidos. Na tentativa de possibilitar uma via de escape ao mar de pedras paulistano, encontramos a oficina “cidade para pessoas”, desenvolvida por um grupo de mulheres, que experimentam ideias para cidades mais humanas por meio de intervenções urbanas. O projeto “Passanela” é uma dessas intervenções para transformar a travessia pelas passarelas de pedestres em uma experiência poética.

O varal colorido sombreia o caminho de travessia. Os bancos criam pontos de descanso e lançam um convite para aqueles que querem demorar-se e experienciar um momento de pausa dentro da agitada capital. As cores e a estrutura de bambu transformam a passarela em um lugar convidativo, em escala humana, envolvida pelos altos prédios e as largas avenidas. Tais detalhes criam oportunidades para se experienciar a cidade, e romper com a obviedade e passividade cotidiana, dando espaço à experiência, às corpografias – verdadeiras chaves do processo formador ofertado pelas cidades. Tais experimentações estimulam o novo, convidam a adentrar



Figura 2 – [Fotopoéticas brasileiras]: Mar de Pedras (à esquerda); Passanela (à direita); São Paulo, SP
Fonte: J. D. P. Moura, 2020; Garcia (2015, n.p).

a materialidade do mundo, nos colocando em contato com aquilo que se mostra de modo mais íntimo.

Em Bogotá, aos domingos e feriados, as ruas centrais da capital colombiana são tomadas por pedestres e ciclistas. Sem carros, sem congestionamentos. A exclusividade de experienciar a cidade em um passeio calmo e contemplativo. Ao andarmos pela Praça Simon Bolívar, “o coração de Bogotá”, com palácios e catedral, envolvidos por ruas estreitas e construções históricas – vemos um largo de integração e socialização entre as pessoas, um espaço que estimula a permanência, uma cidade que se apresenta mais humana, como defendido por Gehl (2015). Independentemente do dia da semana a praça está sempre movimentada, sendo comum apresentações culturais, manifestações ou protestos.

Pueblito Paisa, representação de uma típica vila colombiana, localizada no centro da cidade de Medellín é outro espaço que nos desperta curiosidade. Uma pequena vila antioquenha, localizada no alto de um morro, marcada por traços arquitetônicos e organizacionais de um típico *pueblo* colombiano nos leva a uma viagem imaginária no tempo. As atividades ali realizadas e seus estabelecimentos como a igreja, a prefeitura, a barbearia, a escola, a sala do médico e as lojas se circunscrevem à praça central, como nas antigas vilas antioquenas. Caminhando pela pequena vila é

possível experienciar o transcorrer de uma vida com vagar, privilegiando a lógica relacional, descortinando em novas possibilidades de interação, esquivando-se do fechamento social em si mesmo. Turistas e locais se acomodam nos finais de tarde para apreciar a linda vista para a cidade de Medellín no espetáculo ofertado pelo pôr do sol, uma das marcas registradas do Pueblito.

Outra experiência despertou curiosidades no sentido de criar oportunidades para uma maior interação e permanência das pessoas no espaço urbano. Fundada no século XVI, Cartagena, capital do Departamento de Bolívar, Colômbia, exibe distintos edifícios coloniais, que se agrupam em uma vastidão de cores, provocando encanto naqueles que por ali caminham. As ruas estreitas do centro histórico da cidade, não diferentes de muitas cidades históricas do Brasil, fazem com que os veículos circulem lentamente, ao passo de um pedestre, o que torna preferível andar a pé. Ao caminhar pelas ruas somos seduzidos por uma imensidão de detalhes, que aliás, só poderiam ser observados ao caminhar, na cumplicidade do corpo com a materialidade do mundo. Os traços arquitetônicos, as fachadas de casas e estabelecimentos, as ruas floridas são atrativos que estimulam a experiência urbana.

Embora turísticas, estas cidades colombianas, aparentemente, têm buscado manter pontos de conexão entre moradores e turistas. As praças e ruas centrais, campo da experiência – além de ornamentadas – apresentam boas condições para

A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas
 Danieli Barbosa de Araujo e Jeani Delgado Paschoal Moura

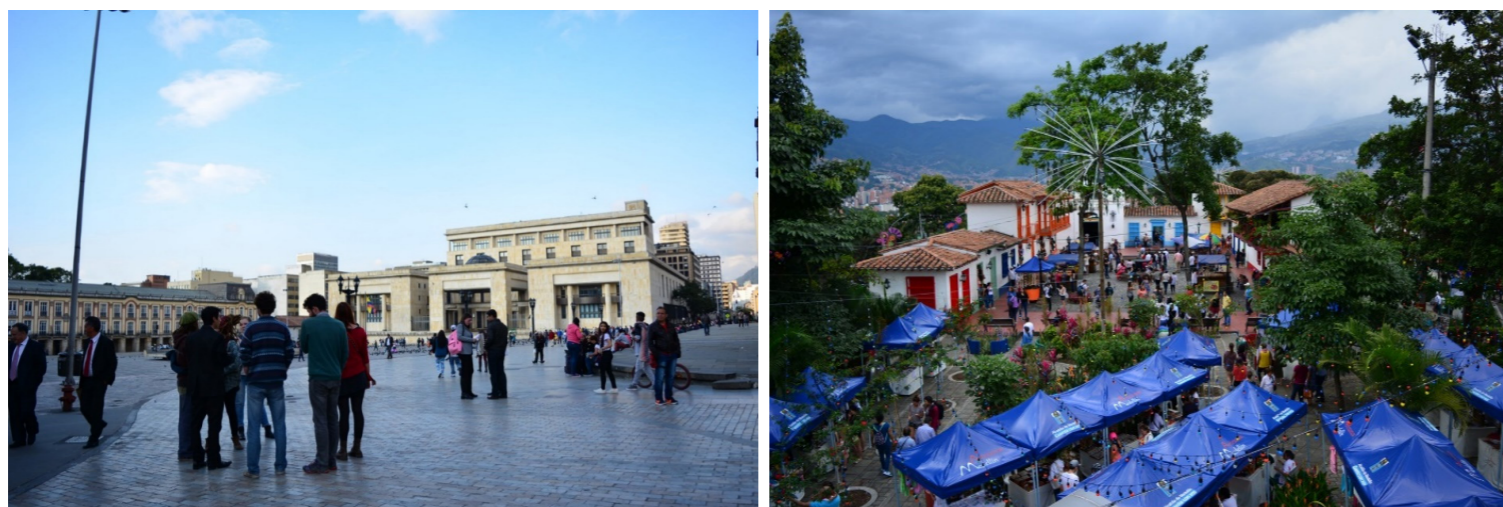


Figura 3 – [Fotopoéticas colombianas]: Praça Simon Bolívar (à esquerda; Bogotá); Pueblito Paisa (à direita; Medellín)
Fonte: D. B. Araujo, 2017.

uso como bancos e mesas para sentar, repousar, estabelecer diálogos e trocas. Parte das ruas são reservadas para pedestres, para que usufruam com tranquilidade dos cafés, restaurantes, teatros e danças de ruas. “Este espaço de vivências pessoais e intersubjetivas, com centralidade nas ações e sentimentos humanos diferem de espaço para espaço, a partir do cultural, das experiências históricas dos moradores, entre outros aspectos” (ARAUJO; MOURA, 2016, p. 25). Ainda que permeados por apelos turísticos encontramos um convite à experiência corpórea com os espaços.



Figura 4 – [Fotopoéticas colombianas]: Centro Histórico (à esquerda); Fachada do restaurante (à direita); Cartagena
Fonte: D. B. Araujo, 2017.

A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas
Danieli Barbosa de Araujo e Jeani Delgado Paschoal Moura

Ao nos deslocarmos a pé pelas ruas de Lisboa e Coimbra, Portugal, em outro trabalho (MOURA; ARAUJO, 2019) destacamos as estreitas ruas medievais como labirintos que levam a pequenas praças de encontros e interações com o outro e com os espaços. Não raro, nos deparamos com eventos, cantatas, como uma noite de fado a céu aberto, na praça 8 de maio, em Coimbra, a qual pudemos experimentar, sentadas na borda do grande chafariz que embeleza a praça. As estreitas passagens e escadarias testemunham um tempo em que as cidades eram mais receptivas à escala humana, pois as pequenas ruas não comportam carros. As passagens são restritas a pedestres, que exercitam na cotidianidade a experiência corpórea com o lugar, aflorando muitos sentidos, pois o tempo de locomoção é lento e exige atenção. Estas são testemunhos de tempos remotos, onde o espaço era projetado para o corpo.

Estar na cidade deve ser um exercício prazeroso. Cidades que criam condições para que o sujeito permaneça por mais tempo interagindo com o espaço urbano tem experiências significativas. Dois instantes registrados na capital francesa, Paris, a “Cidade Luz”: o Jardim de Luxemburgo com cadeiras dispostas para se sentar é um convite à contemplação e ao diálogo; a praça, na

Esplanade des Invalides, com atividades recreativas para idosos se torna uma poética para as suas corporeidades. Ambos espaços privilegiam a permanência, proporcionando aos sujeitos paragens vivificadas de forma mais afável, produzindo corpografias através da imaginação criadora. Um almoço ao ar livre. Um momento para ler ou para se encontrar com um amigo. Um cochilo em uma espreguiçadeira de um parque qualquer. Essas são cenas corriqueiras presenciadas na capital francesa e de costume entre os locais. Enquanto viajantes, caminhar por suas ruas, permeadas de história, tem um encanto peculiar. O lirismo da matéria faz brotar na “Cidade Luz” um impulso intrínseco de experimentar e percorrer a cidade. A imaginação



Figura 5 – [Fotopoéticas portuguesas]: Rua (à esquerda; Lisboa); Rua (à direita; Coimbra)
Fonte: J. D. P. Moura, 2019.



Figura 6 – [Fotopoética francesa]: Esplanade des Invalides); Paris

Fonte: D. B. Araujo, 2019.

se dedica com facilidade em meio ao flunar, revelando as virtudes e as essências da matéria.

A partir das experiências urbanas reveladas pelas nossas corpografias, na condição de estrangeiras e turistas, nos perguntamos: – como fica a experiência na ausência de tantos atrativos turísticos que estas cidades visitadas oferecem? Embora a experiência não seja um produto

direto do turismo, é visível que este oferece um impulso para que as pessoas se sintam convidadas a desbravar, de um modo mais íntimo, os ambientes que as cercam. A experiência não se restringe a um sair de casa com um roteiro turístico em mãos, ou com um trajeto já elaborado. A experiência da qual nos fala Bachelard busca encontrar na imaginação, na poética, a mola propulsora para o crescimento do ser (GRATÃO, 2018). Encontrar nas imagens simples, como assinalado na introdução de sua obra “A poética do Espaço”, as imagens do espaço feliz, dos espaços amados. Não são os espaços inóspitos fonte de inspiração para poetas e artistas? Por que não seria um simples espaço, desprovido de atrativos turísticos, fonte de inspiração e convite para mergulhar em uma experiência formadora?

Segundo Bachelard (1993) os espaços felizes, espaços de afeto e aconchego ganham uma conotação especial, apresentando uma contribuição no processo de formação. Mas, estes espaços não devem ser lembrados somente por suas estruturas e edificações, mas pelos sentimentos e significações. “O objeto é construído de traços que são aparentes e de traços que só a imaginação criadora pode perceber, porque só ela pode ir além do que está visível, só ela pode penetrar no objeto mesmo e ver além do que está visível [...]” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 47). Eis a força da imaginação criadora no caminho da poética e da formação humana. A poética, aparece como um dos elementos formativos do ser, por propiciar um ato reflexivo intenso, elevando a imaginação material que é o contato sensível do homem com os objetos e lugares que o cercam. A “imaginação material, liberando o espírito do peso do passado, se abre para o futuro e, estimulando no espírito devaneios de vontade, contribui para a dinamização do nosso eu mais profundo” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 69). Iniciativas públicas ou privadas que fomentam atrações ou construções ao nível dos olhos, passíveis de serem vistas, tocadas e experienciadas, são exemplos de como despertar o envolvimento com a cidade. Por ser um dos ambientes mais habitados na contemporaneidade, a cidade é o contato mais íntimo com as leis que orquestram a vida no planeta Terra.

A pausa no movimento é vivenciar e revelar o lugar, que outrora foi um espaço. Vivenciar é permanecer um tempo no lugar para construir afeição e dotá-lo de valorização. Conhecer um lugar, além de seus aspectos locacionais, físicos, ambientais, implica considerar as experiências humanas e sentimentos que lhes são imanentes (ARAUJO; MOURA, 2016, p. 24).

Barbosa e Bulcão (2004) em “Pedagogia da Razão, Pedagogia da imaginação”, assinalam que um dos aspectos que é possível depreender da vertente poética de Bachelard, que contribuem para uma pedagogia da imaginação e para formação do sujeito, está relacionado ao voo ascendente da imaginação criadora, fundamentado na noção temporal do instante de Bachelard. A imaginação material, proveniente do contato com a materialidade do mundo, é um convite à formação pelas vias da experiências, trocas e corpografias. Ela estimula no espírito devaneios de vontade, contribuindo para uma dinamização do nosso eu profundo (BARBOSA; BULCÃO, 2004). A tese de descontinuidade do tempo vai ressaltar outro aspecto formador presente em Bachelard. O filósofo ressalta, como aponta Barbosa e Bulcão (2004) que a poesia, recusando preâmbulos, princípios, métodos, permite que se viva em um único instante inúmeras simultaneidades, suprimindo a continuidade temporal da vida. Em sua poética a meta é a verticalidade, os instantes poéticos impulsionam rumo a um voo ascendente e vertical, negando o tempo linear que corre horizontalmente (BARBOSA; BULCÃO, 2004).

O processo formativo se revigora pelas pedagogias vívidas, experienciadas, indo ao encontro de uma cidade para além de suas formas e funções. À luz de Bachelard o contato com a materialidade do mundo, do corpo-a-corpo com a cidade, da poética que emana das experiências íntimas com os espaços, contribuem com a quebra da horizontalidade, da monotonia, dando espaço para a formação plena do ser, nutrindo-o de imaginação criadora. “O homem não aprende somente com sua inteligência, mas com seu corpo e suas vísceras, sua sensibilidade e imaginação” (REZENDE, 1990, p. 49).

A cidade é o lugar em que a poética habita sem ser percebida (MELLO, 2014), é rica em signos, valores e significações. Bachelard (1993) nos convida a resgatar essa poética, a vivê-la, usufruindo de todos os benefícios que esta pode nos ofertar. Para experienciá-la

como tal, é preciso deixar-se enlevar por um olhar do sonho e consentir que a imaginação criadora, flua a fim de construir itinerários poéticos e, conseqüentemente, formativos. Esses, são capazes de incentivar maior utilização de espaços públicos ou reforçar a participação na gestão municipal, assim como sensibilizar para o cuidado e zelo com os espaços que compõem a cidade. Neste sentido, pode-se dizer que há uma poética na cidade, que envolve processos formativos e reforça o exercício da cidadania.

Há uma evidente aproximação entre poética e pedagogia em Bachelard (1993) e, por consequência, uma relação entre poética, pedagogia e cidade. A poética conduz o homem a uma verticalidade, tirando-o de sua rotina repetitiva e cansativa, colocando-o em uma ascensão vertical, dando-lhe ânimo para poder conhecer e experienciar. Em Bachelard, a formação do homem proporciona a maturação do ser. Para que o ato pedagógico aconteça é preciso o despertar-se para o novo, retificar ideias e pensamentos anteriores. “Só há formação quando há retificação do saber anterior, quando há negação das instituições primeiras, ou seja, quando há desconstrução e reforma do sujeito” (BARBOSA; BULCÃO, 2004, p. 56).

A pedagogia da imaginação desperta a intimidade e a experiência com a cidade, reavivando laços com a cosmicidade. A experiência urbana constitui em si, um campo de formação, por propiciar um ambiente favorável para a imaginação material, defendida por Bachelard (1993) e destacado por Barbosa e Bulcão (2004), como um processo de crescimento espiritual, proporcionando o contato com a materialidade do mundo em um vai e vem enérgico, nutrindo a psiquê do indivíduo. A formação do homem se dá no seu espaço vivido, nos seus espaços cotidianos, espaços de afeto. “[...] o espaço vivido é muito mais carregado de afetividade que o nosso” (GALLAIS, 1998, p. 8). Essa afetividade, intimidade, permite potencializar experiências

que confluem em ações formadoras. A formação em Bachelard é a reforma do sujeito. E, para tal, é preciso uma reforma na maneira em que se vê e vive o espaço vivido.

As tramas da vida diária, desde o sair de casa até o regressar, configuram atos formativos no qual o sujeito vai se constituindo. As experiências construídas ao longo da sua vivência dependem do seu “doar-se ao mundo”, de suas trocas, de sua intensidade, sensibilidade e de suas interações. Ao valorizar as experiências humanas, buscando compreender os fenômenos da maneira como são vividos, a Fenomenologia está intimamente ligada ao processo cultural, aos costumes, hábitos, aptidões, conhecimentos e crenças. Neste sentido, a Fenomenologia exhibe em si, uma dimensão pedagógica, no qual todos somos aprendizes. Seu método, é um método de aprendizagem, diretamente relacionado com a experiência e, em essência, atento ao problema do sentido da existência (REZENDE, 1990).

Enquanto fuga da superficialidade e do não experienciado, a Fenomenologia é uma reconexão com o espaço vivido. Nesta posição, ela é concernente a fenômenos que não podem ser compreendidos através da observação e medição, mas que primeiro precisam ser vividos para serem compreendidos realmente como são (RELPH, 1979). A Fenomenologia consiste antes de tudo, em aprender o sentido da existência, para que essa possa ser vivida humanamente como tal, para que o ser e estar no mundo seja significativo. “O homem é constantemente ameaçado de viver sem perceber o(s) sentido(s) que sua vida está realmente tendo” (REZENDE, 1990, p. 69). Assim, a Fenomenologia busca o que realmente é essencial, redescobrir a existência humana, ressignificar objetos, situações, lugares e reconectar-se com o espaço vivido.

Bachelard convida a transcendermos a superficialidade das coisas, a fazer do mundo um espaço de coexistência poética, isto é, criadora

(CESAR, 1989). Em sua escrita poética vai além do real, conduzindo-nos a um encontro com as poesias/encantos do mundo. Ele mostra como a poética reanima, no leitor, o poder da criação, lhe possibilitando devanear, ou seja, deixar-se levar pela imaginação, imagens, sonhos e pensamentos profundos, indo além do ambiente que o cerca. A poética propicia uma (re)leitura e um (re)significar do espaço vivido. Sua manifestação ultrapassa a escrita poética, ela se faz presente na realidade, dotando os espaços de poesia, ou seja, de uma subjetividade que transcende o visível.

EM CONCLUSÃO

Envolver-se com a cidade, transcendendo relações cotidianas de trabalho, estudos e outras obrigações, passando a vivê-la por prazer de ser e estar na cidade é um dos convites que a poética e a imaginação de Bachelard realiza. O ato de ressignificar, seja um objeto, um lugar, uma situação é uma expressão poética que exige imaginação e envolvimento. Exige sair de sua condição atual e colocar-se em enlevo. Poetas e artistas, de um modo geral, ajudam a transcender as visões materialistas, levando-nos ao encontro das forças imaginantes e significativas que habitam a cidade, por estarem em constância com o ato de ressignificar. A cidade, como cenário poético, se torna meio para trocas democráticas, na qual as pessoas podem expressar suas satisfações e insatisfações, seja em festas de ruas, em manifestações, marchas ou encontros. O olhar da experiência urbana mostrou-nos o quanto a cidade é ou pode vir-a-ser um repertório poético e pedagógico, por propiciar ao ser humano uma ascensão de sua condição atual, fazendo-o refletir, admirar e reavivando o seu sentido de lugar, lembrando que a cidade precisa ser vivida, cuidada, pensada e planejada – de forma que a dimensão humana seja valorizada.

A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas
Danieli Barbosa de Araujo e Jeani Delgado Paschoal Moura

As nossas andanças pelo mundo, cidades, bairros, ruas, produziram corpografias de sentidos e significações. Foram tantos espaços de vida, ora bombeando pressa, agitação, caos, ora seguindo em seu percurso sereno e vital. As corpografias representam sonhos, concretudes de pensamentos, réplica de nossos desejos humanos e parte de nossa constituição como ser-humano. Conectar-nos com parte do mundo, antes experienciado apenas pela imersão nos livros, permitiu-nos experienciar e viver significativamente, demonstrando que a totalidade do corpo e as experiências que dele emanam, orientadas pela imaginação, é a chave para o processo de formação humana. A experiência urbana permitiu olhar as cidades para além de sua forma, buscando formar imagens que ultrapassassem a realidade. Pela imaginação, como pontua Bachelard, abandonamos o curso ordinário das coisas. A experiência urbana, à luz da fenomenologia da imaginação, além de potencializar o processo de formação do ser, pela quebra da monotonia, no despertar para o novo, para o ato de ressignificar, contribui, significativamente, com a geograficidade ou a essência de ser-e-estar-na-cidade.

A defesa de uma pedagogia da imaginação nas experiências urbanas fortalece a necessidade de um olhar que reencontre na cidade suas sutilezas, resgatando a cumplicidade inerente Homem-Terra. Ir além das formas e qualidades associadas às coisas, substanciar-se pela imaginação, colher dos seus benefícios, este é o chamado presente na Fenomenologia da Imaginação Criadora apresentada por Gaston Bachelard. A poética é um caminho para suscitar “o sentido da vida” nas cidades contemporâneas, memorando a ação cidadã e possibilitando experienciar cidades, muitas vezes, não vividas. O ato formativo se dá no processo de pensar/viver significativamente, deixando-se envolver pela curiosidade, pelas dúvidas e reflexões. A experiência urbana orientada na poética, no devaneio, revela o potencial formativo, assim

como o importante papel pedagógico da cidade. A formação integral do homem, de sua moral e virtude, estende-se por todo e qualquer espaço que propicie ao indivíduo um contato com o outro, que acontece em diferentes escalas e contextos. ○

REFERÊNCIAS

- ARAUJO, D. B.; MOURA, J. D. P. Lugares e lugaridades: jovens falam de desejos, atitudes e sentidos em seus mundos. **Geografia, Ensino & Pesquisa**, v. 20, n. 2, p. 21-32, 2016.
- ARAUJO, Danieli Barbosa de. Dimensão Educadora da Cidade: Poética e imaginação na experiência urbana. 2017. 94 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Centro de Ciências Exatas, Universidade Estadual de Londrina, Londrina, 2017.
- BACHELARD, G. **A poética do espaço**. São Paulo: Martins Fontes, 1993.
- BACHELARD, G. **A poética do devaneio**. São Paulo: Martins Fontes, 2006.
- BACHELARD, G. **O ar e os sonhos: ensaio sobre a imaginação do movimento**. São Paulo: Martins Fontes, 2001.
- BARBOSA, E.; BULCÃO, M. **Bachelard: pedagogia da razão, pedagogia da imaginação**. [s.l.]: Vozes, 2004.
- BERNAL ARIAS, Diana Alexandra. A rosa do deserto: hidropoéticas do lugar no habitar contemporâneo. 2015. 138 f. **Dissertação** (Mestrado em Geografia) – Instituto de Geociências, Universidade Estadual de Campinas, Campinas, 2015.
- CESAR, C. M. **Bachelard: ciência e poesia**. São Paulo: Paulinas, 1989.
- DARDEL, E. **O homem e a terra: natureza da realidade geográfica**. Trad. Werther Holzer. São Paulo: Perspectiva, 2011.

A poética das cidades: por uma pedagogia da imaginação criadora nas experiências urbanas

Danieli Barbosa de Araujo e Jeani Delgado Paschoal Moura

GALVÃO FILHO, C. E. P. A geograficidade como fundamento da geosofia: dimensão originária do conhecimento geográfico. **Anais... XI Encontro Nacional da ANPEGE, ENANPEGE, Presidente Prudente**, p. 5366-5375, 2015.

GALLAIS, J. Alguns aspectos do espaço vivido nas civilizações do mundo tropical. **Espaço e Cultura**, n. 6, p. 9-16, 1998.

GARCIA, N. Passanela (fotografia). **Cidade para pessoas**, 2015. Disponível em: <http://cidadesparapessoas.com/passanela/>. Acesso em: 01 nov. 2020.

GEHL, J. **Cidade para pessoas**. São Paulo: Perspectiva, 2015.

GRATÃO, L. H. B. Ao voo da imaginação: o enlevo de sonhar e o prazer de ensinar e aprender à luz de Bachelard. **Revista eletrônica da graduação/pós-graduação em Educação**, v. 14, n. 2, 2018.

HILLMAN, J. **Cidade e alma Cidade**. São Paulo: Studio Nobel, 1993.

JACQUES, Paola Berenstein. **Vitruvius**, 2008. Arqutextos. Disponível em: <https://vitruvius.com.br/revistas/read/arqutextos/08.093/165>. Acesso em: 30 dez. 2020.

MOURA, J. D. P.; MARANDOLA JR., E. A Geografia dos Riscos nos cenários da prática docente: limites e potencialidades para a educação geográfica. **Geografia**, v. 41, n. 2, p. 297-312, 2016.

MOURA, J. D. P.; PASCHOAL, W. A. Percepção e sensibilização do ambiente escolar por meio de fotografias e produção de documentário. **Geosaberes**, v. 9, n. 17, p. 1-10, 2018.

MOURA, J. D. P.; ARAUJO, D. B. Em busca do sentido da paisagem: percursos por Londrina (Brasil) e Coimbra (Portugal). In: YAMAKI, H.;

CUNHA, L. (Org.). **Paisagem e território: expedições**. Londrina: UEL, 2019. p. 39-49.

MELLO, K. C. de S. M. de. Poética da cidade: transformando o olhar em poética. 2014. 77 f. **Trabalho de Conclusão de Curso** (Graduação em Artes Visuais) – Universidade do Extremo Sul Catarinense, Criciúma, 2014.

MURAD, C. A. O Fotográfico e o Fotopoético na Criação Imagética. **SISGRAD**, 2000. Disponível em: <http://papers.cumincad.org/data/works/att/1bae.content.pdf>. Acesso em: 06 nov. 2020.

MURAD, C. A. A linguagem da luz do olhar: notas para uma fenomenologia da imagem fotopoética. **interFACES**, v. 4, n. 1, p. 99-109, 1997.

OSTERMAMN, E. A. Imagem urbana: percepção e devaneio. **Revista de Arquitetura e urbanismo**, v. 4, n. 1, p. 46-53, 1996.

RAMOS, C. de M. de A. **A poética da água: uma leitura fenomenológica de Thiago de Mello e García Lorca**. Maceió: Edições Catavento, 1999.

RELPH, E. C. As bases fenomenológicas da Geografia. **Geografia**, v. 4, n. 7, p. 1-25, 1979.

REZENDE, A. M. de. **Concepção fenomenológica da Educação**. São Paulo: Cortez: Autores Associados, 1990.

TRIGUEIROS, M. Cidade dos festivais. **Folha de Londrina**, 2019. Disponível em: <https://www.folhadelondrina.com.br/transmidia/cidade-dos-festivais-2959566e.html>. Acesso em: 30 dez. 2020.

TURINI, Natalia. Cortejo do Movimento dos Artistas de Rua de Londrina. **MALR**, 2013. Disponível em <https://movimentodosartistasderuadelondrina.blogspot.com/?m=0>. Acesso: 30 dez. 2020.

Submetido em Junho de 2019.

Revisado em Novembro de 2020.

Aceito em Novembro de 2020.